

## POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : OESP

CLASS. : 1424

DATA : 20 01 90

PG. : 19

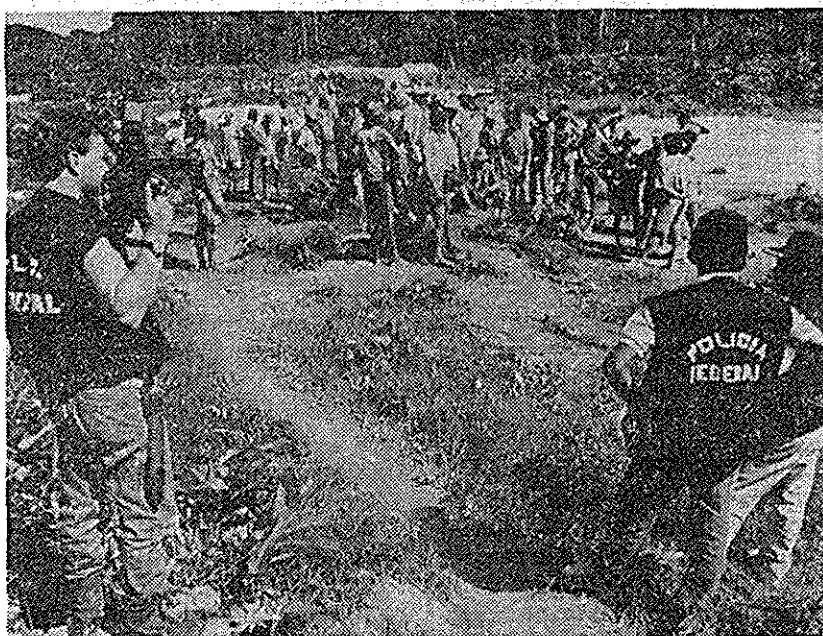
# Tuma diz que ainda existe risco de conflito em Roraima

O diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, disse ontem, em Curitiba, que ainda há risco de conflitos na operação de retirada dos garimpeiros das reservas indígenas dos ianomamis, em Roraima, "pois podem surgir focos de resistência". Tuma afirmou que serão necessários entre 150 a 200 policiais para fazer a "varredura" na região de Paapiú, onde a Polícia Federal interditou a primeira pista usada pelos garimpeiros.

A operação tem prazo de duração de 90 dias e exigirá o envio de oito toneladas de equipamentos para dar a infra-estrutura aos agentes. O delegado, que veio a Curitiba participar da abertura das Olimpíadas da Polícia Federal, propõe a remoção dos garimpeiros para outras regiões do País de propriedade do governo.

Na região do Paapiú, a pista do Baiano Formiga foi ocupada ontem pela Polícia Federal que desembarcou ali 30 homens incluindo quatro indigenistas. Cerca de dois mil garimpeiros trabalham no garimpo, ao redor da pista de pouso, e recebem em média 3% do ouro coletado. Mas 70% desses garimpeiros ganham apenas o necessário para comer e não têm condições de pagar os oito gramas de ouro necessários para chegar a Boa Vista, ou retornar a seus Estados.

Na região do Baiano Formiga existem outras seis pistas de pouso e quatro mil homens. Esse verdadeiro barril de pólvora era comandado por quatro homens, alguns foragidos da Justiça, que chegaram a armar uma tentativa de resistência quando souberam da operação. Eles chegaram a contratar pistoleiros e incentivaram os garimpeiros a segui-los para enfrentar a polícia.



José Paulo Lacerda/AE

### Policiais no garimpo de "Baiano Formiga": ocupação

Um dos cabeças do movimento, o Louro, foi preso três dias antes da chegada de Romeu Tuma à Boa Vista há duas semanas, e a União dos Garimpeiros da Amazônia Legal conseguiu convencer Décio Souza Almeida, o Baiano Formiga, a desocupar a área. "Seria uma carnificina", afirmavam os agentes federais e os funcionários da Funai que desembarcaram. Era exatamente esse o grande temor do presidente José Sarney, frente às pressões internacionais.

### COMPROMISSO

O Brasil terá de auxiliar a Venezuela na recomposição ambiental das nascentes do Rio Orinoco, na fronteira com Roraima, para reparar os estragos causados por garimpeiros brasileiros que invadiram o território venezuelano em busca de ouro. O compromisso foi firmado

pelo governo brasileiro, nesta semana, em Caracas, num encontro que reuniu o subsecretário do Itamaraty para Assuntos Políticos Bilaterais, Luís Felipe Lampreia, e o vice-ministro das Relações Exteriores da Venezuela, Adolfo Taylhardat, disse ontem Lampreia, em Brasília.

O governo brasileiro prometeu oferecer colaboração através de órgãos específicos, como o Ibama, o Inpe e a Funai. O Inpe vai orientar os venezuelanos na interpretação de imagens de satélite, através das quais aquele país detectará a presença de invasores. O Ibama já enviou dois técnicos a Caracas para prestar auxílio nos projetos de recuperação ambiental e as Forças Armadas ajudarão a Venezuela na montagem de planos estratégicos de patrulhamento da fronteira.

## Índios craôs estão doentes, diz indigenista

GOIÂNIA — Cerca de dois mil índios que vivem em aldeias da reserva localizada no município de Itacajá, Tocantins, entre os rios Manoel Alves Grande e Pequeno, estão muito doentes e passando fome, uma vez que os rios e córregos da região transbordaram e as chuvas devastaram suas lavouras. "Milho e arroz, nós conseguimos aproveitar; mas da mandioca, batata e inhame não sobrou nada", explicou Alberto Roberto, auxiliar do cacique da aldeia que foi a Goiânia para tratamento médico.

A mandioca é o principal alimento dos craôs que, hoje, não têm mais o que caçar nem onde colher frutas do mato. Num tradicional festa craô, por exemplo, a mandioca é indispensável para a preparação do "paparuto", espécie de bolo feito com carne de caça e mandioca, enrolado em folhas de bananeira e assado na brasa, sem tempero.

Segundo Fernando Schiavini, membro do Instituto Brasil Central, órgão de estudos indigenistas ligado à Universidade Católica de Goiás, as informações que vêm da reserva dão conta de muitos casos de pneumonia, forte gripe e bronquite. Ontem à tarde, uma comissão de estudiosos, integrada pelo deputado Carlos Moura (PT), que já viveu com os craôs, esteve na sede regional da Funai oferecendo-se para um trabalho conjunto de assistência à comunidade.

Até bem pouco tempo, segundo Schiavini, a colheita e a caça constituíam a base da alimentação dos craôs. Hoje, frutas silvestres e carnes compõem apenas 20% do que consomem. A mandioca acabou transformando-se na base da sua dieta alimentar. "Mal alimentados, os índios ficam mais expostos a infecções e viroses", afirmou Schiavini. Na sua opinião, é necessário um esquema de assistência médica e alimentar contínuo e bem planejado.